

ANEXO B: NOTÍCIAS DE JORNAIS

Fragmentos de notícias sobre o candomblé, pesquisadas em diversos periódicos brasileiros e internacionais, com destaque para as suas manchetes:

♦Notícias de *A Tarde*, jornal baiano:



Jubiabá em scena. *A Tarde*.



BRITO, Reynivaldo. Os deuses africanos no Museu da Cidade. *A Tarde*. Salvador, ano 63, nº. 21115, 24 jan. 1976. Artes Plásticas, p. 21.



Polícia fora dos terreiros. *A Tarde*. Salvador, ano 63, nº. 21108, 16 jan. 1971. p. 2.



Olga de Alaketo: o candomblé cura e mata. *A Tarde*. Salvador, 08 mai. 1979.

Casa Branca homenageia o rei de Ifé

O terreiro ketu Axé Casa Branca realizou, ontem, cerimônia em homenagem ao representante do rei de Ifé, Apena Abayomy, e ao seu acompanhante, o patriarca Oiarwa Epega, da Universidade de Ifé, na Nigéria. Ambos permanecem em Salvador, depois da realização da Conferência Mundial dos Orixá e cumpriram o compromisso de visitar o terreiro de Casa Branca em razão de o rei de Ifé não dispor de tempo suficiente durante o evento e nem mesmo após o seu encerramento, antes de retornar à África.

Apenas, rei de Oxalá, é bisneto de Bamboxê, um dos africanos fundadores da Casa Branca, que retornou ao seu país de origem. Depois do ritual de saudação, à entrada do terreiro, Apena recebeu uma placa de prata, que levará para a África, com a seguinte mensagem: "Salve o rei de Ifé. Homenagem dos filhos da Casa de Anassô". A lembrança foi uma iniciativa dos obás, com o objetivo de registrar a visita do representante de Sua Majestade de Ifé.

SIGNIFICAÇÃO

Os filhos de Axé Casa Branca reuniram-se para receber os visitantes e, ao som dos atabaques, houve troca de saudações, quando Apena agradeceu a homenagem, afirmando que o rei de Ifé ficará satisfeito pela lembrança e que, na primeira oportunidade, voltará, com Sua Majestade, a Salvador, para estreitar, ainda mais, os laços de amizade entre as nações ketu. As cerimônias no terreiro foram coordenadas pela lakekerê Juliana da Silva Baraúna, que responde, temporariamente, pela ialorixá Marieta Vitória Cardoso, "Mãe Marieta".

O fotógrafo Pierre Werger assistiu a todos os atos, enquanto o presidente da Sociedade São Jorge, do Engenho Velho de Brotas — comunidade Casa Branca, Antônio Agnelo Pereira, disse que hoje a entidade aguarda do SPHAN, delegacia da Bahia, a assinatura do termo de tombamento da organização, fundada há mais de 300 anos.

Casa Branca homenageia o rei de Ifé. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23577, 01

Festa de Omulu chega a seu ponto alto hoje

Pouco preocupados com o fim do sincretismo, decidido recentemente no II Congresso da Tradição dos Orixá, realizado em Salvador, os barraqueiros agitam-se ontem, dando os últimos retoques na arrumação de seus produtos — cervejas e refrigerantes, basicamente — no largo da Igreja de São Lázaro, para a festa de Omulu, que terá hoje o seu ponto de destaque.

Enquanto a música de Raul Seixas, "Metamorfose Ambulante", tocava bastante alto, através de uma possante aparelhagem de som, instalada numa das barracas, dentro da igreja, o padre celebrava uma missa onde, entre os fiéis, boa parte usava roupas brancas e colares de "filhos-de-santo".

Os presentes não queriam comentar a questão do fim do sincretismo religioso, recentemente proposto através de um documento assinado por diversos "pais e mães-de-santo" de Salvador. "Eu não sou de nada, meu senhor", afirmava, apressadamente, uma mulher, enquanto colocava na bolsa imagens que o padre acabara de benzer. Diante da insistência do repórter, ela acabou confessando: "Sou ainda uma simples filha-de-santo".

Na opinião do padre Francisco Delunga, vigário da paróquia de São Lázaro, o sincretismo é algo que foge ao controle das religiões. "A Igreja respeita o homem, como Cristo sempre fez. Não podemos rejeitar aqueles que nos procuram. Nós os acolhemos e explicamos que esta é a fé verdadeira".

Hoje será o ponto alto da Festa de São Lázaro e das demonstrações do sincretismo religioso, com pessoas tomando "passes" exatamente defronte das escadarias da igreja. Serão celebradas missas às 7 horas, 8h30min e às 10 horas, sendo esta, a missa solene da festa; à tarde, haverá nova celebração às 16 horas e, às 19 horas é a vez da **Missas dos Barraqueiros**.

Ontem, os barraqueiros ultimavam os preparativos e colocavam cervejas e refrigerantes para gelar. Eles também não queriam falar sobre o fim do sincretismo ou a tentativa de acabar com ele. "O que a gente sabe é o que o povo faz; se ele mistura as religiões, ninguém pode acabar assim com isso, de uma hora para outra", afirmava.

Festa de Omulu chega ao seu ponto alto hoje. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23592, 16 ago. 1983. Caderno 1, p. 3.

Com sincretismo ou não, o candomblé será sempre atração

O sincretismo religioso desenvolvido na Bahia entre as seitas africanas e a religião católica (identificação dos orixás com os santos católicos) começou desde os jesuítas, que não admitiam outra religião senão a deles, permitiram o culto subterrâneo dos escravos para escapar a reação dos senhores de engenho e futores. Mesmo após a abolição da escravidão, o culto, restrito às pessoas mais humildes, continuou sendo alvo de perseguições policiais, dependendo da prévia autorização legal e registro na Delegacia de Jogos e Costumes, para a realização dos seus rituais. A liberação veio com o Decreto Lei Estadual nº. 25.095, de 1976.

Apesar de, na Bahia, o sincretismo, necessário, quase obrigatório inicialmente, foi absorvido naturalmente e preservado, sem questionamentos, pelos descendentes e atuais seguidores do candomblé. No momento, somando-se a inúmeras outras crenças que prendem a atenção do povo, surge o rompimento entre a Igreja Católica e os terreiros de candomblé, cujos líderes, durante a II Conferência Mundial de Tradição dos Orixá, realizada mais tarde em Salvador, alegando autonomia e coerência, decidiram rejeitar o sincretismo religioso ali, nosso dia, oficialmente vigente. A questão é como separar? De logo, uma preocupação concreta: como descaracterizar a tradicional lavagem do Bonfim, cuja imagem mais forte, de penetração nacional e até internacional, é o cortejo das baianas, tipicamente trajadas? As mães-de-santo que, quando iniciadas, tiveram como "obrigação" assistir à missa numa sexta-feira na Igreja de Senhor do Bonfim, santo católico da maior devoção dos baianos? O cardal prímaz do Brasil, D. Avelar Brandão, visitou na sua oração para discussão do assunto, prevê a participação da BahiaTursa, Associação dos Cultos Afro-Brasileiros, secretário de Educação do Estado, dirigentes dos terreiros, integrantes de blocos afro e afetos. Enquanto isso, algumas das mais antigas mães-de-santo já se mantiveram a decisão de não abrir mão dessa arraigada assimilação.

Os atabaques são os principais instrumentos de toque nos terreiros.

Com sincretismo ou não o candomblé sempre será atração. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23583, 07 ago. 1983. Turismo e

Mãe-de-santo defende sincretismo religioso

As obrigações para Tempo, que no sincretismo religioso corresponde a São Lourenço, foram cumpridas; ontem, Dor terreiros de candomblé como o de São Jorge, filho da Gomeia, liderado por Mãe Mirinha do Portão, que disse não estar preocupada com as discussões sobre o sincretismo e se recusa a participar de qualquer debate sobre o assunto.

"Foi assim que conheci o candomblé e é nisso que morro", diz a mãe-de-santo, acrescentando que, para ela, Santa Bárbara será sempre Iansã; São Jerônimo, Xangô; São Jorge, Oxossi e Santo Antônio, Ogum. E tem mais, segundo Mãe Mirinha: "Sou católica, gosto de missa e aprecio D. Avelar Brandão, a quem tomo a bênção e ele abençoa".

Mãe Mirinha tem 59 anos de idade e fez santo aos 9 anos, tendo sucedido a Joãozinho da Gomeia, há quase 13 anos. Ela não participou da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixá, que pediu o fim do sincretismo religioso. Por motivos de saúde, ela acompanhou os debates através dos noticiários e enviou um filho para representá-la. Sobre as decisões, diz que quem quiser que acompanhe, mas ela não tomará conhecimento e continuará, inclusive, assistindo e mandando celebrar missas, cultuando as imagens de santos que tem em casa e dos quais gosta muito.

OBRIGAÇÃO

O que Mãe Mirinha lembrou dentro do candomblé, é que uma pessoa quando faz santo, tem por obrigação assim que sai da camarinha, de visitar a Igreja do Bonfim e depois a de São Lázaro. Ao saber que o sincretismo será motivo de debates entre adeptos do candomblé, BahiaTursa, prefeitura

Mirinha do Portão

e outros órgãos, disse que não tem tempo nem se interessa pelo assunto, pois não irá mudar de opinião.

Louvar a Deus e fazer o bem são as coisas que Mãe Mirinha acha importante. Quando alguém lhe faz algum mal, diz que "entregou a 10 de agosto, que é o dia de Tempo, de remorso da consciência". No momento, por exemplo, diz que muitos são os que lhe procuram pedindo para conseguir emprego e com frequência fornece cartas de apresentação para lugares diversos.

Quem começou a Lavagem de Iatupá foi Mãe Mirinha e mais as mães-de-santo Lina, Nair e uma filha-de-santo de Mãe Eulina. Hoje, ela não mais participa nem mesmo da Lavagem do Bonfim, por motivos de saúde.

Mãe-de-santo defende sincretismo religioso. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23587, 11 ago. 1983. Caderno 1, p. 2.

◆Notícias de *Diário de Notícias*, jornal baiano:

CONFRENCIA



O sr. Vivaldo da Costa Lima, quando falava sobre problemas das etnias baianas.

Problema do negro exposto sob nova luz: Vivaldo Costa Lima

Conferência sobre o tema "Etnias Baianas" foi ontem realizada na Faculdade de Odontologia pelo etnólogo Vivaldo da Costa Lima, que representou o Centro de Estudos Afro-Orientais no ciclo de palestras "Cultura Baiana".

Argumentando sempre sob um ponto de vista crítico e polémico o sr. VCL colocou o problema do estudo antropológico e etnológico em termos de revisão, procedendo uma análise retrospectiva sobre a bibliografia existente.

EPÍGRAFE GR

"Ao tema do negro e à vida do negro" foi uma epígrafe do sociólogo baiano Guacirino Ramos usada pelo conferencista, que ainda estudou as relações básicas das raças formativas do povo brasileiro, o negro em primeiro plano.

Lamentando certo empirismo e racismo nos antropólogos e etnólogos do passado, o sr. Vivaldo da C. Lima encerrou sua palestra confiante "no destino e no futuro dos estudos antropológicos, despidos de alienação e inautenticidade. E ainda acrescentou:

— A consciência nacionalista que se forma abrange inclusive o negro. Aquela que permite consciência popular e valorização étnica das origens étnicas.

Esta foi a segunda conferên-

cia realizada pelo sr. Vivaldo da Costa Lima, este mês, sobre etnias baianas.

Problema do negro exposto sob nova luz: Vivaldo Costa Lima. *Diário de Notícias*. Salvador, ano LXXXV, nº. 17741, 19 mai. 1960. 1º Caderno, p. 2.

No ano eleitoral Roberto libera cultos da Polícia

Aproveitando a movimentação em torno da festa do Bonfim, num ato considerado político, — pois o decreto poderia ter sido assinado há muito tempo — o governador do Estado, após participar do cortejo em homenagem ao santo, anunciou a liberação da licença policial para funcionamento dos cultos afro-brasileiros na Bahia e, à tarde, no palácio da Aclamação, rodeado de baianas vestidas em seus trajes típicos, assinou o decreto que permite cumprir a sua promessa anunciada no adro do Bonfim. O assunto é muito discutido — inclusive com interferência da igreja que teme a expansão dos cultos — e marca uma fase positiva e de luta da Federação dos Cultos Afro-Orientais na Bahia, embora não se possa tirar o mérito da medida tomada pelo governador e apadrinhada pelo prefeito Jorge Hage. Há muito tempo a Federação vem lutando no sentido de revogar esse dispositivo policial previsto em lei e, recentemente, o delegado da Jogos e Costumes foi contra a disposição. Falando sobre o assunto, uma baiana, que preferiu não se identificar, disse que se "trata de uma medida muito acertada pelo governo, pois queira ou não a polícia os cultos preservam uma tradição religiosa e popular, que não podem ter vínculos diretos e obrigatórios com a polícia para o seu funcionamento". No Bonfim, durante a lavagem, o governador e o prefeito, acompanhados por baianas, populares, turistas e autoridades, percorreram a pé o percurso da Conceição ao adro, numa maratona que nem a segurança das autoridades conseguiu controlar os passos do governador. No adro, as baianas lavaram a entrada da igreja, numa festa tradicional da Bahia. (Página 3).

No ano eleitoral Roberto libera cultos da polícia. *Diário de Notícias*. Salvador, ano 100, nº. 22101, 16 jan. 1976, p. 1.

LIBERDADE PARA TERREIROS

Na presença de nove filhas de santo da Casa Espírita e o Sr. Olegário Gona Baiman-Cha Espírita e o Sr. Olegário Gona Baiman-Cha de Cuiabá, a tarde no Palácio das Artes, o sr. Roberto Santos, governador do Estado, anunciou o decreto que libera as entidades de culto afro-brasileiro do registro obrigatório na Secretaria de Segurança Pública, agradecendo, em sua saudação e louvação, o governador (que saudou e louvou) e o presidente da Associação Baiana do Culto Afro-Brasileiro, Azeiteiro, falou em nome de todos os adeptos.

"Tendo a estrutura coletiva que se deu através de Roberto Santos, das novas perspectivas para a região de Iracó, com vistas a superar a seca, de modo que os contatos matados em Brasília, também foi a abertura de uma nova situação de liberdade pública no município de Iracó, porque considero que a situação pode ser superada com esta medida. Quanto à representação política, esta que se pode ser "positiva em face do estado reconhecida e da etnicidade do governo".

Falando das novas baianas que serão adotadas na região de Iracó, Roberto Santos declarou que recebeu uma e após pressão do Governo Federal e dos órgãos administrativos, devendo ir para Salvador e seguir para Iracó, na segunda-feira, o superintendente da Sudene, o presidente da Codevasp, o diretor geral do Denoc, um dos diretores do Banco do Brasil e o Ministro do Interior, Rangel Reis.

Além dessas medidas, o governador anunciou a disposição do Banco do Brasil de cobrar as dívidas existentes com um prazo mais longo, para os agricultores poderem liquidar seus débitos. Neste sentido, os Bancos do Estado e o do Nordeste também se movimentaram. Foi assegurado que, caso haja necessidade, será enviada maior quantidade de alimentos à região.

O governador informou que "é possível dispender esforços na construção de estradas que não precisem de projetos e que os órgãos do governo estão em entendimento com empresas que realizam obras, como o Polo Petroquímico e a BR-415 que liga Ilhéus a Conquista". Porém, disse, "não queremos que o deslocamento seja feito desordenadamente. Estamos em contato com empresas interessadas e com aquelas que se ajustam e poderemos articular o deslocamento em função dos novos empregos".

Além com referência à utilização da mão-de-obra desocupada, da qual a Embrape vem fazendo um levantamento, Roberto Santos disse que "há possibilidade de perfuração de poços, tanto pelo Estado, Sudene, como por particulares que receberão financiamento dos órgãos públicos". Também está em vista a construção de pequenos açudes.

Sobre a canalização de água deorro do Chapéu para Iracó, foi mantido contato ontem em Brasília com a Codevasp. Segundo o governador, será possível o aproveitamento de dois rios na região. O Jacaré, a leste de Iracó, pode ser preenchido com a construção de barragem, mas não chega até à sede do município, devido à sua altura.

Quanto ao rio Verde, que é pouco e a oeste de Iracó, pode trazer a área. Também foi pensado no melhor aproveitamento da fertilidade das terras da região, com um conhecimento mais aprofundado, segundo o sr. Roberto Santos, pois, como disse o governador, "nesso caso com a facilidade de mecanização, a produtividade é muito baixa". Tendo em vista isto, serão estudadas outras espécies de vegetais ou variedades para a região.

Quanto à rádio educativa, o principal objetivo, segundo o governador, seria trazer professores leigos. Como 60% dos alunos de primeiro grau estão em escolas municipais e a maioria dos professores é de leigos, os programas seriam dirigidos a estes professores.

No que se refere ao programa de ensino para a rede municipal, o governador manteve contato com a finalidade de assegurar apoio. O programa que envolve investimento na ordem de Cr\$ 4 milhões pretende aprimorar as condições físicas das escolas rurais com construção de novas salas de aula, que geralmente reúnem alunos de várias séries numa só sala e aquisição de material escolar indispensável.

Liberdade para os terreiros. *Diário de Notícias*. Salvador, ano 100, nº. 22101, 16 jan. 1976, p. 3 – Grande Salvador.



Igreja X Candomblé. **Jornal da Bahia**, Salvador, ano XXV, nº. 7596, 24 e 25 jul. 1983. 1º Caderno - Cidade, p. 3.

Conferência negra: o candomblé é uma religião e não atração folclórica. **Jornal da Bahia**, Salvador, ano XXV, nº. 7594, 22 jul. 1983. 2º Caderno - Especial, p. 4.



Força e vigor do candomblé no Brasil. **Jornal da Bahia**, Salvador, ano XXV, nº. 7595, 23 jul. 1983. 1º Caderno - Cidade, p. 3.



Sincretismo: devagar com o andor, que o santo é de barro. **Jornal da Bahia**, Salvador, ano XXV, nº. 7613, 13 ago. 1983. 2º Caderno - Cultura Crítica, p. 4.



Terreiros negam briga com Igreja. **Jornal da Bahia**, Salvador, ano XXV, nº. 7608, 07 e 08 ago. 1983. 1º Caderno - Cidade, p. 11.

◆Notícia da revista *The New York Times*:

THE NEW YORK TIMES, MONDAY, OCTOBER 13, 1986

Brazilians High and Low Mourn a Cult Priestess

By MARLISE SIMONS
Special to The New York Times

SALVADOR, Brazil — They had kept going all night and, at dawn, women in white lace and cotton were still chanting and moving in a slow dance. The men, crouched on the temple floor, tapped a soft sad rhythm on hollow gourds. But the drums remained silent.

In the temple of Alto do Gantois and throughout this most African of Brazilian cities, mourning has continued for weeks over the death of a 82-year-old priestess, by some accounts the most revered woman in Brazil. The secret death rites, offerings and nightly gatherings are for "Mother Menininha," the leading figure of this country's version of African spiritism, known as Candomblé.

Such was the prestige and following of Maria Escolástica da Conceição Nazaré — her official name — that when she died on Aug. 13, the Mayor of Salvador declared three days of mourning. Two Cabinet ministers, the state governor and city officials attended the wake and tens of thousands watched as her coffin rode on a fire engine through the streets.

"She was the last of the old, very respected priestesses," said Peter Verger, a specialist in West African and Afro-Brazilian culture. "With her, a whole generation has gone."

Question of Succession

The question of who will succeed the influential priestess has been a constant topic in Salvador, the mecca of Candomblé, and it seemed to arouse far more interest than the campaigns for state and congressional elections now reverberating through the narrow colonial streets.

Tradition calls for the temple elders to cast and read the sacred shells and consult the will of the spirits to divine a successor. But some people contend that Mother Menininha already made that decision

rooms of worship and full-fledged temples. Some 1,300 cult houses are officially registered, compared to about 130 Catholic churches.

In the view of some anthropologists, Brazilians are seeking roots for their uncertain and mixed identity. Others say the tightly knit cults fulfill basic community needs. Candomblé clerics, act as doctors, soothsayers and counselors. "Some centers are veritable solidarity networks," said

worship with Catholicism, casually interchange spirits and saints, and often go from temple to church. Not long ago, when purists — both Candomblé and Catholic clerics — proposed to separate the two religions, they were strongly opposed by Candomblé elders.

"First, blacks had to go to church because the whites said we prayed to the devil," said Mr. de Oaxoti. "Now we want to keep both religions. God is



Maria Escolástica da Conceição Nazaré, known as "Mother Menininha," died in Salvador, Brazil on Aug. 13 at the age of 82. She was a high priestess in Brazil's version of African spiritism, known as Candomblé.

Brazilians high and low mourn a Cult priestess. *The New York Times*. Estados Unidos. 13 out. 1986.

◆Notícia da revista *Veja*:



O caixão de Mãe Menininha nos braços do povo: devoção ecumênica

Religião

Memória reverenciada

A Bahia chora a morte de Mãe Menininha, grande dama de uma religião que já foi culto de escravos

A última vez em que o Brasil tinha visto um caso de bombeiros sair à frente de um grande cortejo fúnebre, sobre ele se encontrava o corpo do presidente Tancredo Neves. Na quinta-feira da semana passada, novamente um grande sepultamento foi levado por um carro de bombeiros e em cima dele estava o corpo da baiana Maria Escolástica da Conceição Nazaré, a legendaria Mãe Menininha do Gantois, morta em Salvador de periclitada aguda, aos 82 anos. Tancredo mereceu a honra impulsionado por uma unanimidade política quase sem precedentes na História do país. Mãe Menininha foi parar ali levada por um fenômeno cultural de origem religiosa também sem precedentes. Era a derradeira homenagem à mais famosa ialorixá (mãe-de-santo) do candomblé da Bahia, uma ialorixá que contribuiu para tirar da ilegalidade um culto religioso que hoje é saudado e respeitado por governantes e artistas. "Uma mãe-de-santo e como um chefe de Estado para sua comunidade, uma rainha que tem um poder que nem um ditador possui, é a mãe no sentido mais total", define o escritor baiano Jorge Amado, referindo-se à Mãe Menininha, cujo terreno costumava aparecer, ao lado de

provavelmente constrangido por demonstrar sua fé em público, já que o candomblé constitui um assunto de polícia. Sua religião, trazida da África no porão dos navios negreiros, era perseguida pela polícia e oprimida na clandestinidade. As autoridades haviam batido uma lei de silêncio que só viajava para ela: os terrenos eram terminantemente proibidos de bater atabaques depois das 10 da noite.

A fim de fazer cumprir esse dispositivo, Pedro Azevedo Godilho, o temido "Pedrito", chefe de polícia de Salvador nos anos 20 e 30, invadia terrenos, visitava lugares sagrados, apreendia objetos de culto, prendia mães e pais-de-santo por semanas a fio. "O candomblé não passava de coisa de negro", conta o antropólogo baiano Waldemar Rego, apontado como a maior autoridade do país na religião. Ao morrer na semana passada, porém, Mãe Menininha teve tempo suficiente para assistir ao reconhecimento de sua fé como um fenômeno cultural emergente e para vê-la praticada à luz do dia. A velha senhora do Gantois, nome retirado da colina onde funciona seu terreiro, já pensava seus poderes de ialorixá há muito tempo, algo que, segundo os adeptos dos cultos, acontece com os veneráveis de sua religião depois de certa idade. Mas, um raro exemplo de unanimidade, foi enterrada como uma espécie de ítem pelas mais influentes personalidades de seu Estado.

BATUQUES EM CABACAS — Mãe Menininha conquistou ampla admiração pelo exercício de uma qualidade muito familiar aos políticos: era uma mestra no jogo de alternar a conciliação e a repressividade. Nunca se rebelou contra o poder, seja do Estado ou da Igreja Católica, que apoiava a perseguição ao candomblé, mas também jamais se rendeu. Como as autoridades proibiam bater

o depois das 10 da Mãe Menininha, dizem que a partir desse horário os terreiros e filios em cabacas — mesmo permitidos pelo seu a vanguarda de se tem nem mais leve se percebeu que o país se encontrava a ser marcado como 1945, tornou-se a primeira mulher a receber a visita de intelectuais e políticos no seu s. Essa abertura é que fez o candomblé passar a ser encarado como um dos mais importantes manifestos das raízes culturais brasileiras. O corpo de liberdade o vestígio de da religião do Brasil em Salvador últimos vinte anos. Hoje ele tem de 1.300, espalhados por todos os pontos da capital da Bahia. Homologações que os representantes poderosos à velha senhora não por ocasião de seu sepultamento mantiveram até onde haviam de a sua influência e o seu prestígio. De todos os políticos presentes, se mostrou mais à vontade era ao Carlos Magalhães, ministro da Integração e do Desenvolvimento do Estado, com seu colega a senador Mãe Menininha constituía uma presença de peso para a religião da Bahia, ele atendeu o compromisso de ir ao velório da Mãe Menininha. "Perco uma grande senhora, que me ajudou com o seu carinho e com a sua sabedoria", disse Magalhães. Os dois ministros candidataram-se ao governo do Estado. Mãe Menininha, do PFL, e Waldemar Rego, então ministro da Integração e do Desenvolvimento. Durante o velório, o governador João Dornelles lamentou "a grande perda à Bahia e para o Brasil". E o presidente Salvador. Marco também presente, disse oficial de não dizer. Durante as 17 horas de duração do velório, cerca de 200 pessoas de diferentes pontos do Brasil, de todos os estados, se quiserem representar a comunidade brasileira, se aproximaram de Salvador. A maioria de quem que até há pouco era praticada por devotos e escravos — ela própria reconheceu — tinha vindo para ver o poder.

o governador Durval no velório: os políticos erraram na cor do ternô



Mãe Menininha e (à esquerda) Oxim, sua filha

nota destaque foi a gate lady, medida por quase toda a população. O cortejo foi acompanhado por milhares de pessoas, em um momento de luto, quando a cor do luto no candomblé é o branco. Além disso, salvo o ex-pretito da cidade Edvaldo Brito, um adepto da religião, quase todos eles se encontravam dedicados ao seu trabalho, cumprindo um ritual só comemorável pelos iniciados.

BATEDEIROS DE ATABAQUES — O fato é que o velório e o sepultamento de uma ialorixá implicam uma série de rituais que são considerados, nos dias seguintes, não apenas religiosos, mas também políticos. Ao chegar ao Gantois, procedente do hospital, o corpo de Mãe Menininha passou por uma preparação que incluiu o cortejo de seus católicas, um procedimento destinado à libertação do Oxim, a divindade que fazia domos sobre ela — dona dos rios, valhas, sempre com um espelho na mão para se olhar, sustentada com Nossa Senhora das Cardeais. O cortejo desfilou a pé o alto do Gantois, acompanhado a intervalos angulares sem acenar. Os participantes tiveram tempo para a frente e para trás. O cortejo, com um crucifixo em cima e coberto por um manto amarelo — a cor de Oxim —, foi então colocado no carro do corpo de bombeiros, acompanhado por batucadas de atabaques, que até o momento, cerca de 15 quilômetros adiante, acionaram os seus instrumentos e entoaram cânticos fúnebres do candomblé. Antes do corpo de Mãe Menininha baixar à sepultura fez-se sentir a força do sacerdotalismo religioso na Bahia: o capelão do cemitério, padre Hélio Rocha, celebrou missa de corpo presente, encorajando a alma de Maria Escolástica da Conceição Nazaré.

A grande interrogação, agora, é sobre quem vai suceder a Mãe Menininha. Cegata-se que a filha seja Cleusa Miller, filha de sangue da ialorixá, uma enfermeira de 34 anos. A sucessora na Casa Mãe Menininha Maria Júlia da Conceição, uma filha de escravos, também o terreno. Sua qualificação e seleção encorajada pelos religiosos, a sucessora de Mãe Menininha vai dirigir um culto que ela própria a regular das reuniões e a fazer-se respeitar pelos poderosos.

Batucada e Cantos no velório: devoção

O terreiro na colina do Gantois: da ilegalidade à consagração

Memória reverenciada. *Veja*. Brasil. 20 ago. 1986. Religião, p. 75 e 76.

♦Notícia do jornal *Quilombo*:

NÓS

ABDIAS NASCIMENTO

NÓS saímos — vigorosa e ativamente — ao encontro de todos aqueles que acreditam, — com ingenuidade ou malícia —, que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de **QUILOMBO** não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, sinão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.

A cultura, com intuição e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, paulatinamente vai sendo relegada ao abandono, ridicularizada pelos líderes do "branqueamento", esquecendo-se esses "aristocratas" de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freire). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptor vem desde 13 de maio de 1888 (Artur Ramos).

Nosso caso se relaciona com todo o problema que determina o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que antecedeu a conquista da América quando o Papa Pio II, Sívio Eneás Piccolomini, levantou impedimentos teológicos ao tráfico português de africanos; depois da guerra de secessão nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos; após as lutas libertadoras de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando já não se pôde falar de servidão e submissão militar, querem arrancar ao negro o domínio econômico e político de sua terra, como na África do Sul; tram-lhe violentamente seus direitos no país que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos; ou arduamente despojam-lhe dos meios psicológicos e mentais que o capacitariam a adquirir a consciência de sua verdadeira condição ante uma igualdade legal, como no Brasil.

A situação apenas esboçada torna-se mais nítida quando assistimos o Haiti pleitear e conseguir, no Pacto de São Francisco, a condenação de todas as discriminações raciais. Nas últimas eleições dos Estados Unidos, apareceu o candidato dos sudocratas Strom Thurmon com programa beligerantemente racista e abusivo, que conseguiu mais de um milhão de votos, e a própria vitória de Truman baseou-se na campanha pelos direitos civis para todo o povo norte-americano, inclusive os negros. A Índia, nesta mesma Assembleia que se realiza em Paris, levou ao conhecimento das Nações Unidas o problema da discriminação na África do Sul, onde reacionários descendentes dos contrabandistas "boers", com unicamente um milhão e meio sobre nove milhões de nativos, venceram as eleições contra o partido do general Smuts, favorável aos negros.

É transparente esta verdade histórica: o negro ganhou sua liberdade não por filantropia ou bondade dos brancos, mas por sua própria luta e pela insubordinação do sistema escravocrata (Caio Prado Jr.). Aqui ou em qualquer país onde tenha existido a escravidão. O negro regeita a piedade e o filantropismo aviltantes e luta pelo seu direito ao Direito.

O negro brasileiro já conquistou seu direito teórico e codificado mas necessita o exercício ativo desse direito. Como brasileiros nós protestamos contra a existência, não só dos Ku-Klux-Klan alienígenas, como dos autóctones kukluxkian de mentalidades e atitudes.

O nosso trabalho, o esforço de **QUILOMBO** é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegure a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações. Os atentados e essa paridade jurídica, e de fato praticados frequentemente em nosso meio, são anti-democráticos, separatistas e lesivos à integração.

(Continua na pág. 6)

NASCIMENTO, Abdias. Nós. *Quilombo*. Rio de Janeiro. N.º. 1, dez. 1948, p. 1.

1.º Congresso do Negro Brasileiro de 1949

TEMARIO APROVADO POR UNANIMIDADE A 13 DE MAIO DE 1949, NA SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA NACIONAL DO NEGRO

A Conferência Nacional do Negro, considerando a conveniência de se continuar o estudo das questões referentes ao negro e em geral ao homem de cor, em reunião democrática, resolve convocar o 1.º Congresso do Negro Brasileiro, iniciativa do Teatro Experimental do Negro, comemorativo do centenário da abolição do tráfico de escravos, entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 1949, no Distrito Federal.

A Conferência Nacional do Negro convida os escritores, os historiadores, os antropólogos, os folcloristas, os musicistas, os sociólogos e os intelectuais em geral a prestigiar, com a sua colaboração, a realização do Congresso, e pede a cooperação de negros e mulatos, homens do povo, para que o Congresso possa ser representativo das aspirações e tendências gerais da população de cor.

A Comissão Organizadora da Conferência Nacional do Negro, transformada, em virtude desta resolução, em Comissão Central de Coordenação do Congresso, ficará incumbida de nomear, para cada Estado e para o Distrito Federal, Comissões de Preparação locais, que farão a propaganda do Congresso e encaminharão, à Comissão Central de Coordenação, temas, comunicações e sugestões de interesse para o mesmo.

A Comissão Central de Coordenação expedirá as instruções necessárias, preparará o regimento do Congresso e tomará providências para a sua realização na data prevista.

GURETHER RAMOS
EDISON CARNEIRO
ABDIAS NASCIMENTO

Temario do 1.º Congresso do Negro Brasileiro

HISTÓRIA

I — Os elementos negros importados. O tráfico de escravos. Distribuição dos africanos no país. Números do tráfico. Estatísticas da população escrava nas províncias. A migração interior de escravos (tráfico interno).

II — Castigos de escravos. Deformações consequentes do trabalho escravo. O escravo nas plantações de cana de açúcar, de café, de algodão. O trabalho nas minas. O trabalho doméstico.

III — Os quilombos e as revoltas de escravos. Palmares. Os negros malês na Bahia. Os balaios. O movimento de fuga das lavouras paulistas.

IV — Contribuição do negro à abolição e à campanha abolicionista. Luiz Gama e José do Patrocínio. As juntas de alforria.

V — O valor do escravo, na África e no Brasil. Os mercados de escravos. As crias.

VI — Os Terços de Homens Pretos (os Henriques). Colaboração do negro na luta contra o invasor holandês. O negro na guerra do Paraguai. O negro nas bandeiras. O homem de cor nas Inconfidências Baiana (1798). Contribuição do negro à Independência. Participação do negro nos movimentos populares de 1822 a 1849. João Cândido e a revolta da Armada (1910). O negro e a FEB.

VII — Figuras eminentes de negros.

VIDA SOCIAL

I — Condições gerais de vida da população de cor. Caracterização social da população negra. Distribuição social e espacial da população de cor.

II — Aspectos demográficos. Crescimento da população de cor. Estado e movimento da população de cor. Natalidade e mortalidade. Mortalidade infantil. A população de cor segundo os recenseamentos da República.

III — Sistema de vida da população de cor. Hábitos alimentares. Habitação. Profissão. Higiene. Educação. Relações sexuais. Poder aquisitivo. Associações culturais, recreativas e beneficentes. Jogos e passatempos. Condições de trabalho.

IV — Aspectos patológicos da população de cor. Criminalidade. Vadiagem, alcoolismo e prostituição. Doenças frequentes na população de cor. Doenças transmitidas da África.

V — Status social do negro. O negro e o mulato na literatura, nas ciências e nas artes. O negro nas cidades e nos campos. As favelas. O negro nas forças armadas. O negro e o mulato na Igreja, nas profissões liberais, na indústria e no comércio. Migrações da população de cor. Padrões de vida.

VI — Assimilação e aculturação da população de cor. O contato de raças. Os subtipos resultantes do contato de raças. Importância social e histórica do mulato. O intercâmbio sexual entre as nações africanas. A discriminação de cor, seus motivos, suas consequências, sua importância.

VII — Possibilidades de organização social do negro e do homem de cor, tendo em vista a elevação do seu nível cultural e econômico. Orientação vocacional do negro e do mulato. Desenvolvimento do espírito associativo.

SOBREVIVÊNCIAS RELIGIOSAS

I — A religião dos negros. A religião dos gêges. Os candomblés de caboclo, Macumba e Umbanda. O tambor de mina. Os parás. Os xangôs. A cibilú. Contribuição do negro à pagelação. Os ritos funerários. A feitiçaria e a adivinhação. O sincretismo religioso. Processos aculturativos das religiões do negro no Brasil.

II — Organização e funcionamento das casas de culto. Influência da casa de culto na vida civil. Os chefes de seita e sua importância para a população de cor.

III — O curandearismo.

IV — A música, a dança e o canto rituais.

SOBREVIVÊNCIAS FOLCLÓRICAS

I — Folguedões coletivos. Bumba-meu-boi. Quilombos. Maracatú. Afôxés. Rodas de samba. Makulidê. Capão de mato. O auto dos Congos. O frêvo. Batuacadas. Os cordões carnavalescos. Escolas de Samba. O louvor a São Benedito.

II — Disputas dialogadas do negro e do branco. Pal Jôko.

III — Formas de luta. A capoeira de Angola e suas várias formas. O batuque, os batuqueiros e a pernada.

IV — O negro e o mulato no folclore nacional.

V — Os contos populares de procedência africana. As canções de trabalho.

LÍNGUAS

I — O nagô. O gêge. A língua de Angola e do Congo (quilombando). O dialeto muçurumim. As línguas faladas nos anos da escravidão. As línguas faladas atualmente no Brasil.

II — Transformações do quilombando, do nagô e de outras línguas no Brasil.

III — Modificações devidas às línguas africanas no português do Brasil.

IV — A língua falada e a língua cantada. Vocabulários.

V — Importância do nagô, do gêge e do quilombando nas religiões e nas manifestações culturais de origem africana em geral.

VI — Sobrevivências linguísticas.

ESTÉTICA

I — O negro e a criação estética.

II — O negro e a escravidão como temas de literatura, poesia, teatro, artes plásticas.

III — Particularidades e sobrevivências emocionais do negro.

IV — Integração e participação do negro e do homem de cor na evolução geral das artes no Brasil.

V — A literatura, poesia, teatro, artes plásticas a serviço da causa abolicionista.

VI — As artes em geral como meio de valorização social do negro e do homem de cor.

1.º Congresso do Negro Brasileiro de 1949. *Quilombo*. Rio de Janeiro. N.º. 3, jun. 1949, p. 5.

ABOLIÇÃO

ABDIAS NASCIMENTO

Na consciência abolicionista podemos distinguir três formas principais de manifestação: a jurídica, a sentimental e a social-econômica. O negro Luiz Gama, em São Paulo, e o aristocrata Joaquim Nabuco, prosseguiram a reação jurídica contra o escravismo iniciada por José Bonifácio...

Os sentimentalistas somaram a maioria. Combatiam a escravidão por princípios de solidariedade humana ou de civilização. O nome mais decisivo dessa corrente foi o da Princesa Isabel que durante suas regências lutou pela abolição total. Creava, paralelamente ao trabalho de Luiz Gama, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, André Rebouças e outros, um clima moral entre os brancos e um clima libertário entre os negros...

Desenvolvendo-se inicialmente em plano secundário, outra corrente depressa tomava vulto passando a influir na balança política: a corrente social-econômica. Integrou-a o industrialismo nascente, os problemas da imigração européia, do liberalismo econômico, e outros. Todas as consequências diretas da revolução industrial inglesa e de sua influência sobre a produção dos demais países...

Porém acima do valor dessas correntes sobressaía-se a bravura indomável dos próprios escravos. Foram os inimigos encarniçados do regime escravocrata. Foram eles liquidaram de fato antes de ser derrogado por lei...

Pela permanência desse sentimento de liberdade e dignidade nos nossos negros encaminhamos nossa luta e nos colocamos contra aqueles que ainda hoje conservam o escravagismo psicológico e procuram impedir-lhes de ocupar o lugar que moral e humanamente lhes corresponde no tecido da sociedade brasileira.

Conferência Nacional do Negro

Por iniciativa do Teatro Experimental do Negro, instala-se hoje a Conferência Nacional do Negro, cujo principal objetivo é formular uma agenda de temas para o I CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO...

A Conferência Nacional do Negro, realizando uma extensa consulta aos estudiosos do problema negro no Brasil, marca-se uma nova era no movimento geral do povo de cor. Sem qualquer intenção agressiva, a Conferência vai fazer o levantamento das aspirações do negro por duas no Distrito Federal e nos Estados...

INSTALA-SE HOJE NA A. R. I. — FINALIDADE CULTURAL E CIENTIFICA — PROMOVIDA PELO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Grande tem sido o número de adesões, vindas dos pontos mais distantes do território nacional, convidando a colaboração de intelectuais como os Profs. Roger Bastide, da Universidade de São Paulo, Arthur Ramos, da Universidade do Brasil, escritor consagrado da ordem do dia uma saudação à Organização das Nações Unidas (ONU) pela passagem, ontem, de mais um aniversário da vitória aliada sobre o nazismo.

NASCIMENTO, Abdias. Abolição. Quilombo. Brasil. N.º. 2, mai. 1949, p. 1; Conferência Nacional do Negro. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 2, mai. 1949, p. 1

COMO SE DESEENROLA UMA FESTA DE CANDOMBLÉ EM RECIFE E XANGÓ E NO RIO MACUMBA



Candomblé da Baía nam desenho de Paul o DF, vindo-se ao centro o "santo" Xangô

latão: uma filha E. de Oxóse, verde, carregará uma espada, lança e flecha. Urubos de pena. A mãe, na sala, entoa um cântico especial. Todos os santinhos ficam de pé, enfiando as mãos — não mais as filhas! — fazem a sua entrada em êkêde, cada um acudido por uma êkêde munida de alva toalha. Depois desta homenagem coletiva, aos orixás: a 'filha' para cada um deles. Então, a filha A. dançará sozinha, ou com uma filha F. que por acaso também tenha sido possuída por Xangô. Depois a filha B. Em seguida a filha C. E assim por diante. Cada qual desses orixás terá, entre a assistência, pessoas especiais da sua aflição e, a estas, homenageará com uma curvatura, um aperto de mão e um abraço à direita e à esquerda do corpo. Durante dois ataques, o orixá deve rolar-se no chão. Abençoará e abraçará todas as pessoas que se lhe dirigirem, pedindo-lhe a proteção divina. Depois da mãe a reverência será maior: o orixá atrair-se-á no chão, abraçá-la-á três ou mais vezes, beijar-lhe-á a mão, soltará grunhidos de satisfação. Todos os orixás podem repetir os passes mágicos para a cura das doenças que atingem a multidão de crentes.



Sincretismo religioso: altar de Yemanjá — candomblé da Baía — sendo-se à esquerda a santa correspondente no catolicismo, N.º. 2 do Rosário. A orquestra sendo cumprimentada por um "santo" na casa de Mãe Joana — Xangô de Recife

CARNEIRO, Edison. Como se desenrola uma festa de candomblé. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 1, dez. 1948, p. 4 e 5

ESPÍRITO E FISIONOMIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

ABDIAS NASCIMENTO

DISCURSO DE ABERTURA DA CONFERÊNCIA NACIONAL DO NEGRO, NA A. B. L. A 9 DE MAIO DE 1949

... Há muitas pessoas que não apreendem a relação entre uma iniciativa comunitária Conferência que ora inauguramos e o Teatro Experimental do Negro. Nesta oportunidade, seja-me permitido fazer algumas considerações em torno de assunto.

... O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e sua valores individuais. Entretanto, o espírito associativo não é alportado. Ou, melhor ainda, o espírito associativo é atribuído da massa esclarecida e de elevado padrão cultural. Daí ser quase impossível, como se pode depreender da observação da vida brasileira, associar homens e mulheres em função, apenas, de objetivos sociais.

Reconhecemos no início de nosso empreendimento a necessidade de apelar para uma tática sociológica ou seja para um tipo de ação não idealística e idópoloco ideológico, mas sensível e ajustada à configuração psico-social, cuja transformação almejavamos. Com efeito, se estudarmos a vida das associações de homens de cor neste país, coherentes a lição de que a maioria delas têm fracassado precisamente por carecerem daquilo que poderemos chamar de atitude sociológica. Ora nascem da revolta e organizam-se somente para lutar — de modo direto e imediato — contra a injustiça e a discriminação de cor, agravando, assim, o processo de solução do problema de uma grande parte da população brasileira; ora inspiram-se em intuítos políticos — algumas vezes legítimos e a maioria das vezes infundáveis — e, neste caso, servem quase sempre a interesses pessoais. De um modo ou de outro, a vida de tais associações era efêmera ou, quando não, de vida atante precária, delas resultando quase nada de positivo, a não ser um desorientamento inconsequente.

Qual a razão disto? Por que motivo extinguiram-se, ou permanecerem carecendo de importância, sem nenhum resultado em seus trabalhos, tantas sociedades de objetivos tão nobres e acertados, muitas até dirigidas por homens capazes? Farece-nos, e tudo o confirmam, que o motivo estava e está, em que os fins dessas associações, embora fossem algumas vezes corretamente identificados, os meios de ação eleitos para atingi-los foram desadequados.

É este um fenômeno muito comum na vida do grupo e do indivíduo. Identificados os objetivos, é necessário assegurar a eficácia dos meios para que o bom êxito seja obtido. Onde se conclui que os responsáveis por essas sociedades tiveram, em muitos casos, habilidade para a compreensão e uma inabilidade para a ação.

Há, portanto, em todo movimento social, a ordem dos meios e a ordem fins, ambas inter-relacionadas.

O Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções. A massa dos homens de cor, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos. A gente negra sempre se organizou objetivamente, entretanto, sob o efeito de apelos religiosos ou interesses recreativos. Os terreiros e as escolas de samba são instituições negras de grande vitalidade e de raízes profundas, dir-se-ia, em virtude de sua religiosidade. O que devemos colher desta verificação é que só poderemos reunir em massa o povo de cor mediante a manipulação das sobreentên-

cias pseudomíticas subsistentes na sociedade brasileira e que se prendem às matrizes culturais africanas.

A mentalidade da nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as idéias, mal a atingem. A Igreja Católica compreendeu isto e o sucesso das missões na época colonial vem daí.

Não é com elocubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa, mas captando e sublimando a sua profunda vivência ímpnia, a que exige a profusão de uma certa intuição morfológica com o senso sociológico. Com estas palavras de desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é, nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adotar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira.

Isto tem sido o T. E. N. Desde sua fundação, em 1944, criou aulas de alfabetização e de iniciação cultural, com a colaboração de ilustres intelectuais, como os professores Rez Crawford, então adido cultural à Embaixada Americana, José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil, Santa Rosa, Will Keller, escritores Raimundo Souza Dantas, Guerreiro Ramos, José Francisco Coelho, Maria Yeda Leite, Irônides Rodrigues e muitas outras personalidades. Montamos três peças de Eugene O'Neill, auspiciadas pelo próprio autor — "Imperador Jones", "Todos os Filhos de Deus Têm Azas" e "Moleque sonhador"; uma de Lúcio Cardoso — "O Filho Pródigo"; dois recitais de poesias, de Castro Alves e de Cruz e Souza; lançamos os novos autores — Joaquim Ribeiro com "Aranjado" e José de Moraes Pinho com "Filhos de Santo", as quais, acrescidas de "Auto da Noiva", de R. Fusco, iniciam a criação de um teatro, por assim dizer, regional brasileiro, assentado nas reminiscências míticas e no impulso místico dos negros. Neste ano, o T. E. N. se prepara para intervir nas comemorações do 2º centenário do artista ariano Goethe, representando uma de suas peças. Temos conseguido tudo sem agressividade. Por exemplo: levar domésticas e operários humildes para o palco do teatro de maior responsabilidade do Brasil — o Municipal, reunir em nossas festas e atos sociais diplomatas de várias embaixadas, a melhor sociedade do Rio. Todas essas têm sido ocasiões estimuladoras do desenvolvimento da personalidade, ensinadas pelo T. E. N. a negros e mulatos. É, ainda com absoluto sucesso, promovemos a valorização social das riquezas eugênicas da malata e da negra através de concursos anuais da "Rainha das Mulatas" e da "Boneca de Pize", realizando, assim, um programa de formação do gosto estético popular e de exaltação dos valores genuínos da civilização brasileira.

Tal é a fisionomia do T. E. N. A Conferência Nacional do Negro se integra nesse programa como instrumento de declinação do negro brasileiro. Com efeito, a população de cor, em virtude do seu baixo nível cultural, não tem a preparação necessária para definir os seus próprios problemas. Precisamos ouvir os estudiosos, consultar os entendidos e ouvir os próprios negros. É com este fim que nos reunimos nesta semana, numa homenagem aos que lutaram pela libertação dos escravos e nos deram o 13 de maio, como nos reuniremos em setembro de 1950, no 1º Congresso do Negro Brasileiro, comemorando o centenário da extinção do tráfico escravista.

LIBERDADE DE CULTO

EDISON CARNEIRO

Nenhuma das liberdades civis tem sido tão impunemente desrespeitada, no Brasil, como a liberdade de culto. O texto constitucional não tem clareza, embora seja claro como a luz do dia o princípio democrático que lhe serve de base, — e qualquer beleguim da polícia se acha com o direito de intervir numa cerimônia religiosa, para semear o terror entre os crentes. Esta violência já se tornou um hábito, sem que contra ela se eleve sequer uma voz de protesto, nem mesmo quando a casa de culto, na forma da Constituição, tem personalidade jurídica.

Esse desrespeito a uma liberdade tão elemental atinge apenas as religiões chamadas inferiores. E, quanto mais inferiores, mais perseguidas. A Igreja Católica não se vê incomodada pelas autoridades policiais, ainda que interrompa o tráfego, numa cidade sem ruas como o Rio de Janeiro, com as suas morosas procissões. Nem as seitas protestantes. Outras religiões mais discretas, de menor número de aderentes, como a budista e a muçulmana, escapam somente porque a sua própria discreção as resguarda. Já as religiões mais populares, mais do agrado da massa, — o espiritismo e a macumba, — são vítimas quase cotidianas da influência moralizadora — a depredação, as borrachadas e os bofetões — da polícia. De segunda a sábado, as folhas diárias, numa inconsciência criminosa dos perigos a que expõem todos os brasileiros, incitam a polícia a invadir esta ou aquela casa de culto, cobrindo de ridiculo as cerimônias que ali se realizam. E ninguém se levanta em defesa do direito tão primário, que têm os responsáveis e os fregueses dessas casas, de dar expansão aos seus sentimentos religiosos como lhes parecer mais conveniente.

O texto legal ajuda os perseguidores de essas religiões, já que, depois de afirmar a inviolabilidade da liberdade de consciência e de culto, a Constituição (art. 141, § 7.º) ressalva a intervenção do Estado, desde que os cultos "contrariem a ordem pública ou os bons costumes". A interpretação de cada caso, na falta de uma lei adjetiva que regulamente a matéria,

cabem à polícia — e sabemos o que pode acontecer, em desmando e em arbitrariedade, quando algum dos direitos do homem fica entregue aos façanhudos Javeris indignas. Quanto à ordem pública e aos bons costumes, será a polícia quem pode decidir nestas questões?

Ora, são exatamente os motivos por assim dizer constitucionais — basta ler o noticiário da imprensa — os invocados pela polícia para interferir com a liberdade de culto. O macumbreiro que fuma o charuto do Velho Lourenço, engole brasas ou esmagam cacos de vidro com os pés nus, não está prejudicando "os bons costumes". Isso não impede que seja espancado, metido no fitzuretiro, atirado na enxovia, ultrajado e vilipendiado pelos escribas da imprensa venal. Nem o médium espírita, servindo de veículo para os mortos, conduzindo para o seio dos vivos os irmãos do espaço, está pondo em perigo "a ordem pública". Com efeito, que "ordem pública", que "bons costumes" serão esses? Todos sabem que é a intervenção policial nesses cultos que subverte a ordem. E quanto aos costumes, será possível que os "bons" costumes sejam apenas o pipaf, as corridas do Jockey, a vegabundagem nas praias de Copacabana e de Guarujá ou as especulações da Bolsa? Pode-se argumentar, pelo contrário, que essas religiões continuam hábitos tradicionais do branco, do negro e do índio. E ainda mais quando, como na verdade sucede, os "bons" costumes estão de tal maneira penetrados de elementos mágicos, preloquios, superstitias das antigas religiões deuses três grupos humanos.

O candomblé da Bahia, a despeito da sua fama internacional, do respeito que merecem os homens de consideração, ainda paga um selo policial para realizar as suas festas. Outro dia, a Igreja Católica Brasileira do ex-bispo de Maura foi impedida de funcionar, em virtude de decisão judicial. As macumbas do Rio, os parás de Pôrto Alegre, os xangôs de Macéio e do Recife, a pagélança e o caticumbó, o tambor-de-mina, as sessões espíritas, — todas as instituições religiosas (ou aparentemente religiosas, como a Maçonaria) existentes

(Continua na pág. 2)

CARNEIRO, Edison. Liberdade de culto. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 5, jan. 1950, p. 7.

NASCIMENTO, Abdias. Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 3, jun. 1949, p. 11.

O PROBLEMA DA LIBERDADE DE CULTO

CARTA DO SR. PAULO ELEUTÉRIO FILHO EX-CHEFE DE POLÍCIA DO PARÁ AO PROF. NUNES PEREIRA, SOBRE O IMPORTANTE ASSUNTO — "NAS ESTATÍSTICAS DO DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA NÃO FIGURAM OS "TERREIROS" COMO FOCOS DE DESORDENS OU COMO CONTRÁRIOS AOS BONS COSTUMES"

UM dos assuntos que mais tem preocupado QUILOMBO, assim como aos estudiosos, mais conscienciosos dos fenômenos sociais e religiosos do nosso país, é o da liberdade de culto, infelizmente negada e cercada da maneira mais reprovável no Brasil, malgrado haver um dispositivo constitucional que assegura o direito.

Temos nos batido sempre por isto: a liberdade da expressão religiosa deve ser um fato. Num país de tradição essencialmente democrática, como o nosso, e onde o seu povo possui uma vocação libertária secular, a negação de um direito representa algo condenável sob todos os aspectos. Ainda mais quando se trata de religião, cultos com profundas raízes na alma da gente brasileira, que não devem ser encarados levianamente como coisas reprováveis e de baixa manifestação, mas algo sério e respeitado por estudiosos eruditos e cientistas eminentes.

A intolerância religiosa, entretanto, não domina o Brasil inteiro, felizmente. No Estado do Pará os terreiros são abertos aos fiéis praticantes, resguardada, assim, a liberdade religiosa dos habitantes daquele próspero estado do norte. A este respeito, abrimos coluna, e seguiu, a uma carta do sr. Paulo Eleutério Filho, ex-chefe de Polícia do Estado do Pará, e recentemente falecido, dirigida ao prof. Nunes Pereira, sociólogo dos mais acatados e autor de obras do mais alto valor sobre o assunto.

É o seguinte o teor da missiva: "Belem, 14 de Março de 1950. Presadíssimo Nunes Pereira:

Encheu-me você o dia de hoje, com sua boníssima carta e com o exemplar de "Quilombo", — extraordinária visão publicitária da vida, problemas e aspirações do negro. Encantou-me essa decisão viril dos nossos conterrâneos de cor, lutando pela valorização, quer econômica, quer social, quer cultural ou política, da minoria racial que nos veio do elemento servil. Efectivamente, como disse o prof. George Schuyler, não há, entre nós como nos Estados Unidos, um problema racial, e sim um problema de cor. De maneira que a fronteira discriminativa é muito frágil e está sendo transposta a toda hora. Daí o interesse de não estudarmos o negro como simples peça de museu ou com intuito cabotino ou intenção mal fardada, como doutrinou esse formidável articulador negro que é Abdias Nascimento. Neto de senhores de engenho, de grandes proprietários rurais verdadeiramente feudais, a minha preocupação em relação aos negros deriva do sentimento de culpa ignominiosa de quem teve avós proprietários de escravos. O labéu infamante não cabe, evidentemente, a quem é neto de escravos, que disso não teve responsabilidade. Não há dúvida de que

o pior é ter sido "dono" de semelhantes nossos em corpo e alma... E' preciso notar, entretanto, que nem todos os meus antepassados apreciaram a escravidão. Alguns deles, como o velho José Eleutério, que foi deputado provincial no Ceará e era da- do às belas letras (escrevia com pena de pato...), nunca tiveram escravos. Sintoma, portanto, muito à vontade para trabalhar para redimir as almas dos que os tiveram...

Pergunta-me você detalhes de minha ação, na chefia de

balde Brasil. Ribamar de Moura (outro morto), Baranquidier da Cunha, J. Eustaquio de Azevedo (nova cruz a acrescentar às demais), Osório Nunes, Olavo Nunes (mais uma cruz), Carlos Victor, José Tomaz Maroja, Augusto Meira, você e por mim. Argumentávamos (pobres sonhadores!) que o caráter dos batuques paraenses ainda era religioso, com os ritos e os fundamentos místicos de uma religião primitiva, já em contacto com uma religião superior, como o catolicismo. Não se tratava, apenas, da li-



Polícia do Pará, em relação à liberdade de cultos afro-brasileiros O como e o porque de uma atuação diversa da de meus antecessores. E' tudo muito simples.

Em 1938, exatamente no dia 16 de dezembro, um grupo de intelectuais paraenses compareceu ao Palácio do Governo e entregou ao então interventor federal um memorial solicitando o restabelecimento dos cultos afro-brasileiros, então proibidos pela polícia, em Belem. O sr. José Malcher prometeu ler e resolver o arazoado, nada fazendo, entretanto, possivelmente receloso das sanções intolerantes do eleitorado católico ortodoxo.

Esse manifesto era assinado por Gentil Puget, nosso folclorista hoje falecido, que foi o iniciador do movimento, por Angelo Nascimento, Pedro Borges, Bruno Menezes, Remigio Fernandez, Stelio Maroja, Oséas Antunes, Cécil Meira, Machado Coelho, Dalcido Jurandir, pelo saudoso Genésio Cavalcante, Osvaldo Viana, Lourival Damasceno (hoje também falecido), Artur França, Gar-

berdade dos cultos, mas da contribuição desses terreiros, mesmo com seu caráter profano, aos estudos sociais brasileiros. Já se disse que o negro é o denominador comum das Américas, tornando-se o seu estudo uma exigência dos modernos processos de análise social.

Sem a livre atividade desses cultos, não se poderia levantar "novas identidades culturais", pois é no material colhido nas manifestações da cultura primitiva, ao contacto ou em relações com culturas mais adiantadas, que se estabelecem padrões, métodos e bases para conclusões sociológicas. Os cultos então realizados no Pará revelavam evidentemente uma expressão da cultura negra em contacto com a cultura superior, produzindo o chamado sincretismo religioso, ou o fenômeno de aculturação.

Quando, em março de 1948, assumi a Chefia de Polícia, os "pais de terreiro" ensaiavam timidamente a volta aos cultos. Alguns me procuraram para obter livres garan-

CANTO NEGRO

A beira do poço negro debruço-me, nada alcanço. De certo perdi os olhos que tinha quando criança. De certo os perdi. Com eles é que te encarava, preto, gravura de cama e padre talhada em pele e no medo. Ai, preto que ris de mim, nesta roupinha de luto e nesta noite sem causa, com saudade das amocacas que nunca vi e a que fui num cabelo de sovaco. Preto que vivi, chupando já não sei que seios moles mais claros no corpo preto no longo corredor preto entre volutas de preto cachimbo em preta cozinha. Já não sei onde te escondes que não me encontro nas tuas dobras de manto mortal. Já não sei, negro, em que

[vaso, que vão ou que labirinto de mim, te esquivas a mim e zombas desta gelada calma de sulco e alma em que me pranteio, branco, brinco, bronco, triste blau de neutro braço escóssio... Meu preto, o bom era o nos-

[so. O mau era o nosso. E amá- [vamos a comum essência triste que transmutava os carinhos numa visguenta doçura de vulva negro-amaranto, barata! que vosso prego, ó corpos de antigamente, sômente estava no dom de vós mesmos ao desejo, num entregar-se sem pejo de terra pisada. Amada, talvez não, mas que cobiça tu me despertavas, linha que subindo pelo artelho, enovelando-se no joelho, dava ao mistério das coxas uma ardente pulcritude, uma graça, uma virtude que nem sei como acabava entre as noites e coágulos

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

da letárgica tocia onde a gente se passava se perdia, se afogava e depois se resacava. Bacia negra, o claro que súbito entremontava e por sobre a vida ilumina toda a vida neste amarelo descor das poses de todo dia, sol preto sobre água fria. Entram meninos na praia, preto branco branco preto, vejo os pés pretos e uns brancos

dentos de marfim montando o alvor do riso escorrendo outra negridão maior. o negro central, o negro que enegrece teu negro e que nada mais ressurte além dessa solidão que do branco vai ao preto e do preto volta pleno de soluções e ressumos, como um rancor por si

Como um rancor por si mesmo vem do preto essa terrível, essa onda amarga, esse bar a rodar pelas calçadas, família vou perdida, numa garrafa de pia de treva ou coisa nenhuma. Esse estar e não-estar, esse não-estar já-sendo, esse ir e refluir, dançar de embigo, sofrer, brunir bem a roupa, que só um anjo vestre quando os anjos se misturam. Essa nostalgia rara de um país antes de toda antes do mito e do sol, onde as coisas nem de brasa

eram chamadas, lançando definitivas eternas coisas de antes dos homens. A beira do negro poço debruço-me; e nele vejo, agora que não sou moço, um passarinho e um desejo



UM VIGOROSO DOCUMENTO HUMANO — Ethel Waters e Jeanne Crain em um instante de grande emoção de filme de Kazan: "O que a Carne Herda" (Pink) vigoroso documentário sobre a questão racial nos E.E. U.U.

(Cont. na pág. 11)

PROSSIGUE A CRUZADA PARA A SEGUNDA ABOLIÇÃO

ENCONTRA-SE na ordem das discussões, na Câmara dos Deputados, um projeto de lei do deputado Afonso Arinos (sob número 562 - 1950) que considera contravenção penal, a ser punida nos termos da lei, a discriminação racial, estúpida e injustificada, que se vem verificando aqui e ali, no nosso país. O projeto do ilustre parlamentar vem ao encontro de uma velha aspiração dos lutadores negros do Brasil que há quase um século, vêm lutando, com todas as suas energias para exprimir os resíduos de um preconceito, "snob" e tolo, que dia a dia assomava entre nós outros, fazendo brilhar aqui e ali, os seus frutos vergonhosos para os brasileiros.

A luta dos homens de cor do Brasil não data de ontem. Nasceu da necessidade de lutar pelos seus direitos, brotada do fundo da alma dos homens que um dia compreenderam a amplitude dos horizontes que estavam reservados aos homens de pigmentação preta do Brasil, logo que compreendessem a posição que devem ocupar, por direito, entre os demais cidadãos que formam a imensa coletividade brasileira, os lutadores, entretanto, logo de saída toparam com um obstáculo inesperado e que era mister remover para uma tentativa profunda de valorização. Este obstáculo constituía os resíduos do preconceito que, aqui e ali, apareciam para tentar humilhar os homens de cor, procurando fazer da cor de sua pele um sinal de humilhação, espelhando-se nos tristes exemplos que nos chegam dos Estados Unidos.

O clamor que se ergeu em todo o território nacional, graças às denúncias feitas pela imprensa esclarecida ajudaram em muito a nossa luta.

A VOZ DE HAMILTON NOGUEIRA

O senador Hamilton Nogueira levou à Assembléia Constituinte o protesto contra o absurdo estado de coisas que se vinha criando no nosso país. Com a sinceridade que o caracteriza, o representante do povo carioca teve oportunidade de fazer oportunos comentários sobre o assunto, denunciando o pronunciamento de um sentimento anti-patriótico e racista que visava desunir o povo brasileiro num desencaminhamento que tendia a criar uma situação intolerável entre todos. Foi a primeira vez que o Congresso tomou conhecimento da situação. E isto fez meditar aos congressistas.

INCIDENTE DO GLORIA

No Baile dos Artistas no ano de 1949, Abdias Nascimento, acompanhado de outros elementos do Teatro Experimental do Negro, foi barrado a porta do Hotel Gloria. Motivo: eram negros. E mesmo exibindo os seus convites pessoais expedidos pelo organizador do Baile não conseguiram persuadir o policial atabalhoado que ali se encontrava. O fato causou profunda repulsa no seio da sociedade e da imprensa brasileira e protestos não se fizeram esperar, vindo de todas as partes do país. No Senado, o senador Hamilton Nogueira subiu a tribuna para denunciar o fato e pedir energias providências para o caso pois não se tratava de um incidente comum, mas algo de extrema importância que, dia a dia, vinha tomando corpo, visando criar um constante estado de constrangimento entre os brasileiros. Na Câmara dos Deputados, o Sr. Barreto Pinto usou da palavra em nome do P. T. B., da mesma forma, condenando tal atitude policiaesca e pedindo a punição dos seus responsáveis. Posteriormente, o incidente foi esclarecido e o próprio presidente da República,

general Eurico Gaspar Dutra, autorizou tomar as providências que cabiam serem tomadas.

PROTESTA CID FRANCO

Hoje, graças aos nossos esforços, a luta ganha um novo terreno, vez que não nos tem faltado apoio no combate para a extirpação do preconceito. A este propósito, o vereador Cid Franco na Câmara, pronunciou recentemente o seguinte discurso:

"O SOFRIMENTO TEM RAÇA, TEM COR, TEM PATRIA?"

"O Sr. Cid Franco — Sr. Presidente e srs. Vereadores. Está escrito na Constituição Brasileira: "Todos são iguais perante a lei".

Entretanto, a página 145 do "Indicador das Obras Oficiais do Estado de São Paulo", publicada pela Imprensa Oficial, lê-se o seguinte: "Fundação Nossa Senhora Auxiliadora de Ipiranga". "Finalidade: — Instrução primária religiosa e doméstica a meninas órfãs, de oito a treze anos de idade, de cor branca e brasileira, (regime de internato)".

Essa instituição, como outras, deseja o auxílio dos poderes públicos. O auxílio depende de projeto de lei. Mas, se todos são iguais perante a lei, nos termos da Constituição Brasileira, como podem os poderes públicos auxiliar uma instituição que só aceita crianças "de cor branca e brasileiras"?

Infelizmente se bem que disfarçado existe ainda no Brasil o preconceito de raça, o preconceito de cor, embora não se encontrem em nossas leis qualquer dispositivo que o justifique. Há pessoas e instituições que raciocinam como no tempo da escravidão do negro e pessoas e instituições para as quais parece não tivemos no Brasil um 13 de maio, pessoas e instituições que ainda aceitam aquela equiparação de negros e animais, feita pelas "Ordenações Manueltas" no título assim redigido: "De como se podem enfeitar escravos ou bestas por doença ou manqueira".

E um vestígio dessa mentalidade a condição imposta pela instituição beneficente a que me referi: "Instrução primária, religiosa e doméstica, a meninas órfãs, de oito a treze anos, de cor branca e brasileira".

Mas que culpa tem uma menina órfã de ser negrinha? Como pode uma instituição protetora de meninas órfãs trancar as suas portas na cara de uma negrinha órfã?

Isto é feito em nome de Deus? Isso é feito em nome de Cristo? Isso é feito em nome da fraternidade cristã?

Nunca. É feito em nome do ódio e do preconceito, ódio e preconceito incompatíveis com o progresso democrático do nosso tempo, ódio e preconceito que hei de combater em toda parte, na imprensa, no rádio, nas salas de aulas nesta Câmara ou em praça pública.

O mais estranho é que a instituição em apreço ministra as mesmas instruções religiosas. Mas como pode fazê-lo? E de que maneira o faz? Excluindo da convivência a quem me refiro: "Instrução primária, religiosa e doméstica, a meninas órfãs, de oito a treze anos, de cor branca e brasileira as órfãs de cor ou estrangeiras".

Gostaria que os dirigentes da instituição me respondessem: O sofrimento oriundo da orfanidade tem raça, tem cor, tem pátria?

Nenhum dos meus companhe-

DEP. AFONSO ARINOS SUBMETE À APROVAÇÃO DA CÂMARA UM PROJETO DE LEI QUE CONDENA COMO CRIME A DISCRIMINAÇÃO RACIAL — A PALAVRA DO SOCIÓLOGO GILBERTO FREYRE — O INCIDENTE COM KATHERINE DUNHAM, EM SÃO PAULO

ros socialistas religiosos ou não, nenhum dos meus companheiros católicos, protestantes, espiritualistas ou espíritas, é capaz de aceitar e defender a condição da branqueira e da brasileira, para que uma órfã mereça proteção.

O Sr. Valério Giuli — V. Excia. está fazendo uma afirmativa que acredito seja verdadeira.

O Sr. Cid Franco — Disse a V. Excia. que se trata de publicação feita pela Imprensa Oficial, no "Indicador das Obras Sociais do Estado". A afirmação que o Sr. Valério Giuli — Se de fato é verdadeira a afirmação de V. Excia. ...

O Sr. Cid Franco — V. Excia. pode aceitar como verdadeira, porque repito a V. Excia. que me baseio no "Indicador das Obras Sociais do Estado". Gostaria que V. Excia. aceitasse como verdadeira a minha afirmação.

O Sr. Valério Giuli — Nesse caso, vai me ocorrer a mesma revolta tal restrição que concerne à cor ou mesmo no que possa concernir à própria religiosidade das alunas. Entretanto, esta Câmara estará atenta para, na hipótese de qualquer pedido de isenção ou mesmo de subvenção, alertar os poderes públicos para esse pormenor.

O Sr. Cid Franco — Posso adiantar a V. Excia. que a Comissão de Assistência Social realizou recentemente, uma visita à Instituição, a seu convite. Foi com surpresa que o nobre Vereador Barbas Tapinambá e eu (e penso que também o nobre Vereador Lauro Cruz) notamos a ausência de meninas de cor. Lá tudo é branco, com exceção de uma jovem que se encontrava na cozinha, trabalhando, ao fogão. Tive a impressão de que não era uma internada. Era, quando muito, uma "empregada de casa", uma cozinheira. Quanto às outras, todas crianças brancas.

Se a instituição é realmente católica, deve saber que catolicismo significa universalismo. Não acredito que os católicos esclarecidos, o professor universitário Paulo Sawaya, por exemplo, meu grande amigo, presidente da Associação de São Vicente de Paulo, ou o meu companheiro, Domingos Vellasco, deputado federal socialista, católico praticante, não acreditem que nenhum coração voltado com sinceridade para os ensinamentos de Cristo seja capaz de aceitar, tolerar e praticar esse odioso preconceito.

Aqui fica o meu protesto. E como vice-presidente da Comissão de Assistência Social desta Câmara só darei meu voto favorável a qualquer auxílio à instituição que nomeei, se ela provar que revogou a condição constante do "Indicador das Obras Sociais do Estado de São Paulo".

E acho que os poderes públicos deviam até proibir o funcionamento de entidades assistenciais com esse vício antidemocrático.

Era o que devia dizer, sr. Presidente. (Muito bem! Palmas).

REQUERIMENTO DO DEP. JONAS CORREIA

Sobre o assunto, demonstrando o quanto de interesse existe, hoje, em torno da situação do negro brasileiro, o deputado Jonas Correia encaminhou à mesa da Câmara dos Deputados, o seguinte requerimento:

"Requero sejam, por intermédio da Mesa da Câmara dos Srs. Deputados, solicitados

ao Ministério da Educação e Saúde, as seguintes informações: 1 — Se as Instituições Assistenciais abaixo mencionadas recebem anualmente, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde, subvenções em dinheiro: "Dispensário São José" — Finalidade: Socorrer a pobreza, vergonhada e os filhos dos pobres matriculados no Dispensário — Condição de admissão — Cor branca.

"Colégio Santa Marcelina" — Finalidade: Educação da Juventude feminina — Condição de admissão cor branca.

"Orfanato do Colégio Imaculada da Conceição" — Finalidade — Educar meninas pobres e órfãs de boa família e de cor branca.

"Recolhimento Santa Tereza" — Dependente da Santa Casa da Misericórdia — Condição de admissão — Cor branca.

"Asilo Bom Pastor" — Finalidade: Regeneração e preservação de menores do sexo feminino — Condição de admissão: cor branca, e o caso de essas Instituições estarem recebendo tais subvenções informar:

a) Se já há qualquer providência do Ministério da Educação e Saúde, no sentido de ser aplicada imediatamente a sanção que couber contra as referidas Instituições que deliberaram não receber em seus Asilos, Dispensários ou Orfanatos crianças pobres de cor preta, ferindo, assim de frente o art. 141 parágrafo 5.º da nossa Constituição que não permite o preconceito de raça.

Justificação

O presente requerimento fundamenta-se no fato estranhável e inadmissível que estamos a observar, relativamente ao m.º o.º como vem agindo as Entidades de Assistência acima discriminadas.

Um dos Catálogos de Obras Sociais do Distrito Federal, editado pela Legião Brasileira de Assistência cita um pequeno número de instituições de Assistência Social compreendido por Dispensários, Colégios, Orfanatos, Asilos, etc. Dentre essas instituições, acham-se as que acima se encontram discriminadas, e que deliberaram, conforme diz o citado Catálogo da Legião Brasileira de Assistência, não aceitar crianças, pobres de cor preta. Tal resolução não pode ser admitida num país de povo civilizado como é o nosso. A nossa Carta Magna, em seu artigo 141, parágrafo 5.º, não tolera o preconceito de raça. E, assim, não é possível colocar-se uma linha divisória entre o branco e o preto, principalmente no campo da assistência social.

E o mais grave é que as Organizações Assistenciais a cima referidas, as quais, um gesto verdadeiramente odioso, estão colocando à margem de seus Asilos, Dispensários ou Orfanatos as crianças pobres de cor preta, devem estar recebendo dos cofres do Tesouro Nacional, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde, subvenções em dinheiro à título de auxílio.

Se a preocupação do governo consiste em cumprir e fazer cumprir a letra da Constituição Federal, as Instituições de Assistência Social em apreço, por certo que já deveriam ter recebido as sanções que porventura lhes couber.

O que não é possível é que no Brasil existam Entidades de Assistência Social se locupletando com o auxílio pecuniário do próprio governo e que só queiram amparar crianças de cor branca, deixando ao completo aban-

dono meninas ou meios pobres de cor preta. O fato, pois, está a merecer a atenção dos Poderes Públicos, e até mesmo, a interfeirência, do próprio governo, em nome mesmo da Constituição da República e, ainda dos princípios de solidariedade humana. — Jonas Correia.

Entretanto, a nossa luta ainda não terminou. Os nossos objetivos são simples e os meios que usamos são a força dos argumentos e o desejo de formar uma força viva no seio da coletividade brasileira numa união grandiosa para o fortalecimento da pátria. Os racistas venientes, porém, não sabem mais onde por suas unhas peconhentas. E sem tabeada idiosincrasia, e sem tabeada agora, contra um dos "buitos" mais significantes dos meios artísticos universais Katherine Dunham. A grande bailarina brasileira norte-americana, aplaudida em delirio pelas platéias de todo o mundo, esteve aqui nos dias 1.º e 2.º de maio, em São Paulo, a direção do Hotel Esplanada, entretanto, não letou em cobrar ao menos o nome da grande Katherine e não permitiu o seu registro ali... por que ela era negra!

Mais de uma vez temos nos batido contra estes abusos que estão transformando o Brasil, aos olhos do mundo num país semi-bárbaro. A atitude da direção do Hotel Esplanada, de saída, sem se chocar com a nossa Constituição que proíbe a discriminação racial. Tal atitude, como não podia deixar de acontecer, causou a mais profunda repulsa no seio dos brasileiros conscientes.

DENÚNCIA DE GILBERTO FREYRE

A atitude retrógrada dos donos do Hotel paulista não podia passar sem um protesto solene e coube ao deputado Gilberto Freyre, ilustre sociólogo e uma das figuras mais brilhantes da geração de pensadores brasileiros, tomar a palavra, na Câmara, e reclamar energicamente providências contra tal agressão. Em vibrante discurso, teve oportunidade de historiar a nossa luta e os resultados obtidos pelos homens de cor na sub-batalha de recuperação culminando com a denúncia desses traidores dos seus irmãos brasileiros que querem fazer do ódio mesquinho que os domina uma moda perigosa e infamante para a memória das nossas ações que nos legaram uma tradição de luz e de sacrifício. O discurso de Gilberto Freyre é o seguinte:

O SR. GILBERTO FREYRE (na explicação pessoal)

Sr. Presidente. Se é certo que um hotel da capital de São Paulo recusou acolher como seu hospede a artista norte-americana Katherine Dunham por ser pessoa de cor o fato não deve ficar sem uma palavra de protesto nacional nesta casa. Pois entre nossas responsabilidades de representantes da Nação Brasileira está a de vigilância democrática, da qual tanto se fala hoje nos discursos mas que nem sempre é praticada nos momentos precisos. E este é um momento — o do ultraje à artista admirável — em que o silêncio como deveria ser uma traição aos nossos deveres de representantes de uma nação que fez do ideal senão sempre da prática da democracia social, inclusive a étnica, um dos motivos de vida de uma das suas condições de desenvolvimento.

Pois incancharmos na verdade de gente sem tradição própria, sem espírito seria o Brasil em que num grande Estado como o de São Paulo orgulho da nação inteira, a tal ponto se levava a imitação (Continua na pág. 9)

Fac-símile de uma notícia publicada no jornal *Correio da Bahia*, com o título “A pensão abençoada: Previdência dá aposentadoria a mãe-de-santo baiana e beneficia religiosos de todos os credos”, em 18 de setembro de 2000:

CATÓLICO
 Valdeck Ornélas
 não é seguidor
 de cultos
 afro-brasileiros

Roberto Castro/ÉPOCA

SÍMBOLO DE BAIANIDADE

Ornélas exibe a imagem de Xangô no gabinete

- A peça de metal foi presente do artista plástico baiano Pati Moreno
- Xangô é associado à Justiça e corresponde a São João, da Igreja Católica
- Costuma ser retratado com um machado duplo, que simboliza a imparcialidade
- Vaidoso e atraente, Xangô é reverenciado pelos adeptos do candomblé como uma divindade temida e violenta

GOVERNO

A pensão abençoada

Previdência dá aposentadoria a mãe-de-santo baiana e beneficia religiosos de todos os credos

A mãe-de-santo Benedita Maria Pereira tem 68 anos e tornou-se famosa em Salvador, na Bahia, com o apelido Ditinha de Oxum. Ela espalhou-se pelo país na última semana, quando ela conquistou a Previdência Social e a aposentadoria um salário mínimo por mês (hoje, R\$ 151). Ditinha nunca pagou um centavo ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e receberia o benefício mesmo se não tivesse vínculos com o candomblé. Qualquer brasileiro com mais de 67 anos e renda inferior a R\$ 37,75 por mês tem direito a ele. Ainda assim, o INSS abriu uma exceção para Ditinha e aposentou-a como mãe-de-santo. A brecha permitirá que brasileiros empregados como “ministros religiosos” sem a incorporação de auxílio. “Ser sacerdote de qualquer religião torna uma profissão com direito à aposentadoria”, interpreta o ministro da Previdência, Valdeck Ornélas, baiano como a mãe-de-santo. Mas os religiosos que quiserem benefício igual a Ditinha terão de recolher mensalmente R\$ 30,20 aos cofres do INSS.

Benedita requereu a aposentadoria em 7 de agosto. Começará a recebê-la já em outubro. Ela mora numa casa de três quartos no bairro Coutos, periferia de Salvador, com quatro filhas e seis netos. Trabalha em dois terreiros, um deles instalado no quintal. Nunca teve renda fixa. “Ganho alguma coisa quando o cliente pede para jogar búzios ou fazer uma limpeza espiritual”, informa. Admiradora militante do presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães, sempre vota nos candidatos que indica. “Toda a minha família votou em Valdeck Ornélas para o Senado

TRADIÇÃO
 Ditinha de Oxum, devota do candomblé há 64 anos, tornou-se mãe-de-santo há 18

Marcio Lima/ÉPOCA

em 1994”, garante. Afilhado político de ACM, o ministro ganhou a simpatia de uma categoria numerosa. “A Bahia tem 800 mil pessoas que poderiam se enquadrar na atividade religiosa, mas apenas 30% contribuem por trabalhar em outra profissão”, diz Aristides Mascarenhas, presidente da Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro. Em nenhum outro Estado religiões de origem africana juntam tantos fiéis. Para divulgar a nova regra, Ornélas marcou reuniões em Salvador com os seguidores dos cultos afro-brasileiros. Depois do caso de Ditinha de Oxum, outras 12 pessoas procuraram a federação baiana de candomblé, todas interessadas em alcançar o benefício.

Cerca de 38 milhões de brasileiros não contribuem para a Previdência porque não têm profissão reconhecida pelo INSS. Assim como fez com os religiosos, o governo estuda a possibilidade de reconhecer novas profissões para ampliar o número de contribuintes e de brasileiros com direito à aposentadoria. Hoje, os segurados do INSS são quase 27 milhões. Antes da decisão de Ornélas, os padres católicos eram os únicos religiosos reconhecidos como trabalhadores com direito aos benefícios da Previdência Social. ■

LUCIANA PINSKY,
 DE SALVADOR

18 DE SETEMBRO, 2000

39

7287
 69

FENORIXA - Federação Nacional da Religião Oxum

Correio da Bahia, 18/Set/2000

→ ÉPOCA
 ANO III Nº 1

ANEXO C: IMAGENS DA SANTERÍA E DO CANDOMBLÉ

Altars em Cuba:



Canastillero com representações de Oxalá, Iemanjá, Oxossi, Xangô e Obalúá

Altars no Brasil:



Altar para Iemanjá



Quarto de pomba-gira cigana



Altar para o Marujo

Oferendas em Cuba:



Oferenda a lemanjá



Oferenda para lemanjá

Oferendas no Brasil:



Oferenda para lemanjá



Expressões do sincretismo na religião afro-c

Pai-de-santo levando balaio com oferenda para lemanjá



Virgen de Regla e Iemanjá

Expressões do sincretismo na religião afro-brasileira:

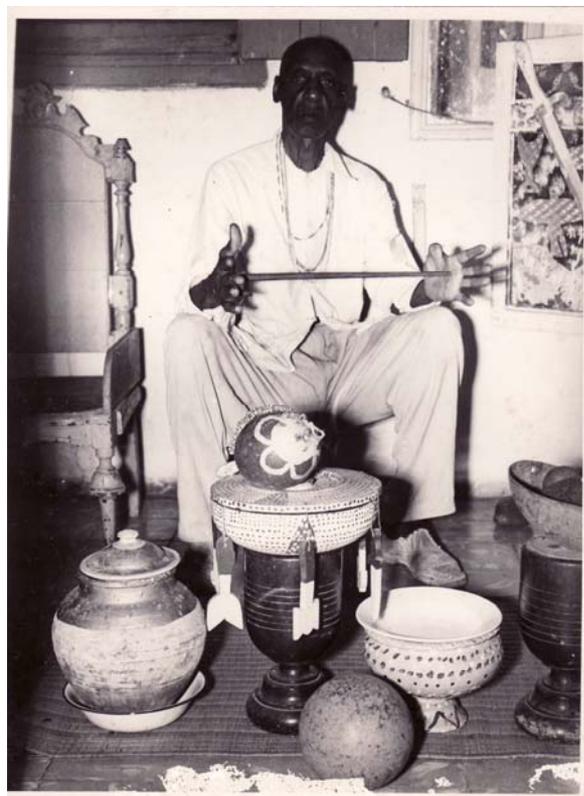


Barracão de um terreiro ornamentado com imagens do santoral católico (Santa Bárbara, São Jorge e Santa Luzia)

Representações do poder religioso em Cuba:



Almoço para os Babalawos realizado após cerimônia ritual assistido pelas Apetebi



Santero com representações de seus Orixás

Representações do poder no Candomblé:



Babalawo e Iyawôs conduzindo oferenda na festa de Obaluiê

Representação da culinária religiosa em Cuba:



Representa

Comida para Oxum



Comida para Oxalá

Cerimônia na Santería:



Cerimônia de imposição de *Mano de Orula* pelos Babalawos, com presença da Apetebi



Cerimônia para Oxum

Cerimônia no Candomblé:



Dança de labãs



Cerimônia para Omolu